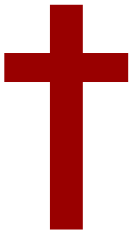
Cosmovisão Para a Vida

J. S. Nascimento



Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade

Ass: gov.br Documento assinado digitalmente
JAIRO DE SOUSA NASCIMENTO
Data: 26/06/2026 11:31:26-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Jairo de Sousa Nascimento†

O documento está assinado e certificado pelo Gov.br, com integridade garantida no padrão ICP-BRASIL.
Assinaturas eletrônicas e físicas têm igual validade legal, conforme **MP 2.200-2/2001 e Lei 14.063/2020.**

Como validar essa assinatura: *Renomeie este Arquivo para:* **Cosmovisão_Para_a_Vida_*assinado.pdf*** *Assesse o link: https://validar.iti.gov.br/ Concorda com os termo de responsabilidade, e anexe o Arquivo Renomeado, depois só Clique em* ***Validar***

SOBRE A EDITORA

A Nascimento Editora possui identidade confessional definida, operando integralmente sob uma cosmovisão cristã reformada, ***submissa à Autoridade Suprema das Santas Escrituras como Regra infalível de Fé e Prática.*** Toda tradição teológica é recebida de forma subordinada à Palavra de DEUS, com especial adesão aos Símbolos de Fé da tradição reformada, particularmente à ***Confissão de Fé de Westminster*** e aos seus Catecismos.

Toda a produção da Nascimento Editora converge para o Soli Deo Gloria: a glória exclusiva do DEUS Trino — PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO — na criação, na redenção e na consumação de todas as coisas. Como está escrito: “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém” (Romanos XI:xxxvi).

A Nascimento Editora não se considera dona da verdade, mas serva da Palavra. Suas publicações são oferecidas à Igreja para exame, sempre segundo o princípio: “Examinai tudo; retende o bem” (I Tessalonicenses V:xxi).

Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade

PARTE I — O FUNDAMENTO

O PRINCÍPIO DA PALAVRA QUE SUSTENTA

Parto de uma afirmação central que organiza toda a compreensão da realidade. DEUS não criou o mundo como quem constrói uma máquina e a abandona para funcionar sozinha. A criação é um ato de fala divino que continua ocorrendo (Gen. I, iii, vi, ix, xi, xiv, xx, xxiv, xxvi; Psal. XXXIII, vi, ix; Psal. CXLVIII, v; Hebr. XI, iii). O termo latino Verbum Fundans, que significa Palavra Fundante, descreve exatamente esta dinâmica: tudo o que existe foi chamado à existência pela Palavra de DEUS (Ioann. I, i–iii; Col. I, xvi; Apoc. IV, xi) e permanece existindo porque essa mesma Palavra continua sendo pronunciada momento após momento (Hebr. I, iii; Col. I, xvii; Neh. IX, vi; Act. XVII, xxviii; II Pet. III, vii). A ordem que observamos no universo não é uma propriedade que as coisas possuem por si mesmas, como se carregassem dentro de si uma força independente de permanência. Trata-se, antes, da fidelidade de DEUS àquilo que Ele mesmo declarou (Psal. CXIX, lxxxix–xci; Ier. XXXI, xxxv–xxxvi; Ier. XXXIII, xxv–xxvi; Psal. LXXXIX, ii; Isai. XL, viii). A criação inteira pode ser comparada a uma sinfonia que só continua soando porque o Maestro não cessa de reger. Se a Palavra sustentadora fosse retirada por um instante sequer, tudo retornaria ao nada do qual foi chamado (Iob. XXXIV, xiv–xv; Psal. CIV, xxix; Act. XVII, xxviii; Rom. XI, xxxvi). A estabilidade do cosmos não repousa sobre um princípio interno de autonomia, mas sobre a constância do caráter e da vontade do Criador (Iac. I, xvii; Mal. III, vi; Psal. CII, xxvi–xxvii; Isai. XLVI, iv).

EXISTÊNCIA COMO DOM CONTÍNUO

Esta compreensão altera profundamente o modo como o crente percebe o mundo ao seu redor. Nada do que existe possui em si mesmo a explicação de sua própria existência (Iob. XII, x; Dan. V, xxiii; Act. XVII, xxv). Uma árvore, uma montanha, o batimento do coração humano ou o pensamento que agora se forma na mente do leitor são todos efeitos presentes da vontade sustentadora de DEUS (Psal. CIV, xiv–xv, xxvii–xxx; Iob. XXXIV, xiv–xv; Isai. XLII, v). Chamo esta condição de existência comunicada. A criatura não é uma entidade autônoma que DEUS visitou no passado e

depois deixou seguir seu curso. Ela é, a cada instante, mantida no ser pelo mesmo poder que a trouxe do nada (Act. XVII, xxviii; Col. I, xvii; Hebr. I, iii; Neh. IX, vi). Isso não diminui a realidade das coisas; ao contrário, confere a elas a mais sólida das fundações. O chão que pisamos é real porque DEUS o sustenta como real (Psal. CXIX, xc; Eccl. I, iv; Psal. CIV, v). O ar que respiramos é efetivo porque a Palavra divina o mantém como tal (Iob. XII, x; Isai. XLII, v; Act. XVII, xxv). A diferença fundamental é que a estabilidade do mundo não repousa sobre uma suposta independência da criação, mas sobre a imutabilidade do caráter e da fala de DEUS (Mal. III, vi; Iac. I, xvii; Psal. XXXIII, xi; Isai. XLVI, x; Num. XXIII, xix). O que chamamos de leis da natureza são, nesta perspectiva, a pronúncia habitual e fiel dos estatutos divinos — a maneira consistente com que o Criador governa aquilo que Ele mesmo mantém (Ier. XXXI, xxxv–xxxvi; Ier. XXXIII, xxv; Psal. CXLVIII, v–vi; Gen. VIII, xxii; Iob. XXXVIII, viii–xi, xxxi–xxxiii).

IMPLICAÇÕES PARA A VIDA DIÁRIA

Reconhecer que toda a existência é comunicada e sustentada momento a momento pela Palavra de DEUS produz consequências práticas imediatas para a vida do crente. Em primeiro lugar, elimina pela raiz qualquer orgulho baseado na ilusão de autossuficiência. Se até mesmo a capacidade de respirar ou de pensar depende da sustentação contínua do Criador, não há espaço para a arrogância humana (Dan. V, xxiii; Iob. XII, x; Act. XVII, xxv; I Cor. IV, vii; Iac. IV, xiii–xvi). A humildade deixa de ser uma virtude artificialmente cultivada e se torna a resposta lógica à percepção correta da realidade (Mich. VI, viii; Iac. IV, x; I Pet. V, v–vi; Prov. XV, xxxiii; Prov. XXII, iv). Em segundo lugar, essa compreensão fornece uma base inabalável para a confiança em meio às incertezas da vida. As circunstâncias mudam, as forças humanas falham, as estruturas que pareciam sólidas desmoronam (Psal. XLVI, i–iii; Isai. XL, vi–viii; Iac. I, x–xi; I Ioann. II, xvii). Mas a Palavra que sustenta o universo não vacila (Psal. CXIX, lxxxix–xci; Isai. XL, viii; Matth. XXIV, xxxv; I Pet. I, xxiv–xxv). O mesmo DEUS que mantém os astros em suas órbitas pela pronúncia fiel de Seus estatutos é Aquele que sustenta o crente em sua aflição (Psal. CXXI, iii–iv; Isai. XLVI, iv; Psal. LV, xxii; I Pet. V, vii; Isai. XLI, x; Psal.

XXXVII, xxiii–xxiv). A segurança não está na força da criatura, mas na fidelidade do Criador (Ier. XVII, v–viii; Psal. XX, vii; Psal. CXVIII, viii–ix; Prov. III, v–vi; II Cor. XII, ix–x; Phil. IV, xiii). Em terceiro lugar, o trabalho, o estudo e todas as atividades humanas ganham nova dignidade. Não são empreendimentos autônomos realizados à margem de DEUS, mas atos que ocorrem dentro da esfera sustentada por Sua Palavra (Gen. II, xv; Eccl. IX, x; Col. III, xvii, xxiii; I Cor. X, xxxi). Cada tarefa realizada com excelência e retidão torna-se uma participação consciente na ordem que DEUS mantém, um eco da criatura em resposta ao discurso divino que a tudo concede existência (Eph. II, x; Tit. II, vii–viii, xiv; I Pet. II, xii; Matth. V, xvi; II Thess. III, x–xii; Prov. XVI, iii).

PARTE II — O SER HUMANO COMO IMAGEM SUSTENTADA

CRIADOS PARA REFLETIR

Compreendo o ser humano a partir da mesma dinâmica que explica toda a realidade: existência comunicada e sustentada pela Palavra de DEUS. O relato bíblico afirma que o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança do Criador (Gen. I, xxvi–xxvii; Gen. V, i; Gen. IX, vi; Iac. III, ix). Esta condição não consiste em uma faísca divina autônoma aprisionada em um corpo material. Trata-se, antes, de uma capacidade concedida e continuamente mantida de refletir, em escala criatural, algo do caráter e da atividade de DEUS (II Cor. III, xviii; Col. III, x; Eph. IV, xxiv; I Cor. XI, vii). O ser humano foi constituído para ser um espelho vivo — não uma fonte independente de luz, mas uma superfície que, corretamente orientada, reflete a glória daquele que o sustenta (II Cor. IV, vi–vii; Psal. VIII, iv–v; Isai. XLIII, vii; I Pet. II, ix). A racionalidade, a capacidade de amar, o senso de justiça e a habilidade de criar e governar sobre a ordem criada são dons que procedem do Criador e que só permanecem operantes porque a Palavra sustentadora não cessa de concedê-los (Gen. I, xxviii; Psal. VIII, vi–viii; Iac. I, xvii; I Cor. IV, vii; Iob. XXXII, viii; Prov. II, vi; Dan. II, xxi; Act. XVII, xxviii–xxix). O homem não possui estas capacidades como propriedade sua; ele as exerce como mordomo de dons recebidos a cada instante (I Pet. IV, x; Matth. XXV, xiv–xxx; Luc. XII, xlii–xlviii; I Cor. IV, ii; Rom. XII, vi–viii).

A REALIDADE DA AÇÃO HUMANA

Um equívoco comum que poderia surgir desta ênfase na dependência radical é supor que o ser humano seria reduzido a um fantoche, a uma marionete cujos movimentos são ilusórios porque realizados por outrem. Rejeito expressamente esta conclusão. A criatura age verdadeiramente. Suas escolhas são reais, suas ações produzem efeitos genuínos no mundo, e ela é moralmente responsável pelo que faz (Gen. III, vi–vii, xii–xiii; Gen. IV, vi–viii; Rom. II, vi–x; II Cor. V, x; Iac. I, xiii–xv). A chave para compreender esta dinâmica está na distinção entre autonomia e agência real subordinada. O ser humano não é autônomo — ele não pode existir ou operar por si mesmo, desconectado da Palavra que o sustenta

(Ioann. XV, v; Act. XVII, xxviii; Col. I, xvii). Mas ele é um agente real — alguém que verdadeiramente quer, decide e executa, ainda que o próprio poder de querer, decidir e executar lhe seja concedido momento a momento por DEUS (Phil. II, xii–xiii; Prov. XVI, i, ix; Prov. XXI, i; Ier. X, xxiii; Ezech. XXXVI, xxvii; I Cor. XV, x). Uma analogia pode ajudar: um músico em uma orquestra não produz som algum por si mesmo; cada nota depende da partitura, da regência do maestro e da sustentação física do som. No entanto, ninguém afirma que o músico é uma ilusão ou que sua execução não é genuína. Ele age realmente, mas sua ação é inteiramente dependente. Assim é o ser humano diante de DEUS: agente verdadeiro, causa real, mas sempre e totalmente sustentado pela Palavra Fundante. A Escritura apresenta esta dupla verdade sem constrangimento, afirmando tanto que DEUS opera todas as coisas conforme o conselho da Sua vontade (Eph. I, xi; Rom. XI, xxxvi) quanto que o homem responde com responsabilidade por seus atos (Gen. L, xx; Act. II, xxiii; Act. IV, xxvii–xxviii; Isai. X, v–xv).

A QUEDA COMO DESORDEM NA DEPENDÊNCIA

A entrada do pecado no mundo é compreendida, dentro desta estrutura, não como a aquisição de uma autonomia impossível, mas como uma distorção moral dentro da dependência que jamais deixou de existir. O homem, sustentado por DEUS em seu ser e em sua capacidade de agir, utilizou estes mesmos dons para se rebelar contra o Doador (Gen. III, i–vii; Iac. I, xiv–xv; I Ioann. III, iv; Rom. V, xii, xix). O pecado é, em sua essência, a tentativa de viver como se a existência comunicada fosse existência própria. É a criatura agindo como se fosse a fonte de seu próprio ser e o critério de seu próprio agir (Gen. III, v; Isai. XIV, xiii–xiv; Ezech. XXVIII, ii, xvii; Rom. I, xxi–xxiii, xxv). A queda não tornou o homem independente de DEUS — isso seria ontologicamente impossível. A queda tornou o homem um dependente rebelde, alguém que deve cada respiração à Palavra que o sustenta, mas que usa cada respiração para ofender Aquele que o mantém vivo (Iob. XII, x; Dan. V, xxiii; Act. XVII, xxv, xxviii; Rom. I, xviii–xxi; Col. I, xvii). Esta condição explica a gravidade do pecado e a justiça do juízo divino (Rom. I, xxxii; Rom. II, v–vi; Rom. VI, xxiii; Eph. II, i–iii). O homem não é uma vítima inocente de forças cósmicas impessoais, nem

um ser que simplesmente ignora o Criador por falta de evidências (Rom. I, xix–xx; Psal. XIX, i–iv; Rom. II, xiv–xv). Ele é um agente moral que, sustentado pela graça comum da Palavra Fundante, emprega esta mesma sustentação para viver em desacordo com a ordem estabelecida por DEUS (Matth. V, xlv; Act. XIV, xvii; Rom. II, iv–v; Gen. VI, v; Ier. XVII, ix; Marc. VII, xxi–xxiii). A culpa é real porque a ação é real, ainda que o ser da ação seja mantido por DEUS (Gen. L, xx; Act. II, xxiii; Act. IV, xxvii–xxviii; Isai. X, v–vii, xii, xv).

A ESPERANÇA NA GRAÇA QUE SUSTENTA E REDIME

Se a condição humana é de dependência rebelde, a esperança não pode residir em um esforço humano para consertar o que foi quebrado. O mesmo ser humano que pecou usando a capacidade sustentada por DEUS não pode, por si mesmo, restaurar a relação rompida (Ier. XIII, xxiii; Ioann. VI, xliv; Rom. III, x–xii, xx; Rom. VIII, vii–viii; I Cor. II, xiv; Eph. II, i, v). A solução deve vir da mesma fonte que concede a existência: o próprio DEUS (Eph. I, iii–vi; Rom. V, vi–viii; Tit. III, iv–v; I Ioann. IV, ix–x, xix; Ioann. III, xvi). Aponto para a obra de CRISTO como o ato redentor que não apenas perdoa a culpa, mas reordena a criatura à sua posição correta de dependência amorosa e obediente (Col. I, xix–xx; II Cor. V, xviii–xix; Rom. V, x–xi; Eph. II, xiii–xvi; Hebr. II, xiv–xv). CRISTO, o Verbo encarnado, é Aquele em quem a existência comunicada humana foi vivida em perfeita sintonia com a Palavra Fundante (Ioann. I, xiv; Phil. II, vi–viii; Hebr. II, xvii; Hebr. IV, xv; I Pet. II, xxii; I Ioann. III, v). Nele, a imagem de DEUS foi refletida sem distorção (Col. I, xv; Hebr. I, iii; II Cor. IV, iv; Ioann. XIV, ix). E, por meio de Sua obra, aqueles que são unidos a Ele pela fé são progressivamente restaurados à sua função original: espelhos que refletem a glória do Criador, não por força própria, mas pela operação contínua do ESPÍRITO que ilumina e santifica (II Cor. III, xviii; Rom. VIII, xxix; Col. III, x; Eph. IV, xxii–xxiv; Rom. XII, ii). O crente vive, assim, na tensão de já ter sido redimido, mas ainda não ter sido plenamente restaurado (Rom. VIII, xxiii–xxv; Phil. I, vi; I Ioann. III, ii; II Cor. V, xvii; Gal. V, xvi–xvii). Sua dependência permanece total, mas sua rebelião é progressivamente vencida pela graça que não apenas sustenta seu ser, mas também renova sua vontade (Phil. II, xii–xiii; Ezech. XXXVI, xxvi–xxvii; Ier. XXXI, xxxiii;

Hebr. XIII, xx–xxi; I Thess. V, xxiii–xxiv). A vida cristã torna-se, então, um exercício diário de reconhecer a dependência radical e responder a ela não mais com rebeldia, mas com gratidão e obediência subordinada (Rom. XII, i–ii; Col. II, vi–vii; I Cor. XV, x; II Cor. XII, ix–x; Gal. II, xx; I Pet. IV, xi; Eph. V, xx; I Thess. V, xviii).

PARTE III — CRISTO COMO CENTRO E CHAVE DA REALIDADE

O VERBO QUE SE FEZ CARNE

Entendo que toda a realidade é sustentada pela Palavra de DEUS encontra seu ponto mais elevado e mais claro na pessoa de JESUS CRISTO. O mesmo Verbo pelo qual todas as coisas foram criadas e no qual todas as coisas subsistem entrou na criação que Ele mesmo sustenta (Ioann. I, i–iii, xiv; Col. I, xvi–xvii; Hebr. I, ii–iii; I Cor. VIII, vi; Eph. III, ix; Apoc. IV, xi). Este é o significado profundo da encarnação. CRISTO não é um mensageiro enviado de longe, nem um mestre que simplesmente fala sobre DEUS. Ele é a Palavra Fundante em pessoa, Aquele que concede existência a tudo, assumindo a natureza daquilo que Ele mesmo mantém no ser (Phil. II, vi–vii; Hebr. II, xiv; I Ioann. I, i–ii; Ioann. I, xviii; I Tim. III, xvi). Quando JESUS caminhava pelas estradas da Galileia, o ar que Ele respirava era sustentado por Seu próprio poder divino (Act. XVII, xxviii; Col. I, xvii; Hebr. I, iii). Quando Ele sentia fome ou cansaço, as sensações que experimentava em Sua humanidade verdadeira eram sustentadas pelo Verbo eterno que Ele sempre foi (Matth. IV, ii; Ioann. IV, vi–vii; Matth. VIII, xxiv; Ioann. XIX, xxviii; Hebr. II, xvii–xviii; Hebr. IV, xv). Esta união de duas naturezas em uma só Pessoa não é uma doutrina abstrata reservada aos manuais de teologia. É o fundamento da esperança cristã (Col. II, ix; Ioann. X, xxx; Ioann. XIV, ix–xi; I Ioann. IV, ii–iii; II Ioann. vii). Somente alguém que é verdadeiro DEUS poderia oferecer um sacrifício de valor infinito (Act. XX, xxviii; Hebr. IX, xiv; I Pet. I, xviii–xix; Apoc. V, ix; Isai. LIII, x–xi). Somente alguém que é verdadeiro homem poderia representar a humanidade caída e sofrer em seu lugar (Rom. V, xv, xix; I Cor. XV, xxi–xxii; Hebr. II, xiv–xvii; I Pet. II, xxiv; I Pet. III, xviii). Em CRISTO, a existência comunicada que define todas as criaturas foi vivida em perfeita obediência e comunhão com o PAI (Ioann. V, xix, xxx; Ioann. VIII, xxviii–xxix; Ioann. XIV, xxxi; Phil. II, viii; Hebr. V, viii–ix; Matth. III, xvii; Ioann. XVII, iv–v).

A OBEDIÊNCIA QUE RESTAURA A ORDEM

Ensino que o pecado é uma desordem introduzida na dependência. O ser humano, sustentado por DEUS, usou esta sustentação para viver em rebelião (Gen. III, vi–vii, xi–xiii; Rom. V, xii, xix; Rom. I, xxi–xxiii; Eph. II,

i–iii). A obra redentora de CRISTO consiste precisamente em restaurar a ordem correta. Onde Adão, o primeiro representante da humanidade, viveu como dependente rebelde, CRISTO, o segundo Adão, viveu como dependente obediente (Rom. V, xiv–xix; I Cor. XV, xxi–xxii, xlv–xlix; Phil. II, vi–viii). Cada ato de Sua vida foi uma resposta adequada à Palavra sustentadora do PAI. Ele não agiu por iniciativa autônoma, mas declarou repetidamente que fazia apenas o que via o PAI fazer (Ioann. V, xix, xxx; Ioann. VIII, xxviii–xxix; Ioann. XII, xlix–l; Ioann. XIV, x, xxxi; Ioann. XV, x). Esta obediência ativa cumpriu toda a justiça que a Lei de DEUS exige (Matth. III, xv; Matth. V, xvii–xviii; Rom. V, xviii–xix; Gal. IV, iv–v; Rom. X, iv; Hebr. IV, xv). Onde a humanidade havia falhado em refletir corretamente a imagem do Criador, CRISTO refletiu essa imagem com perfeição (Col. I, xv; Hebr. I, iii; II Cor. IV, iv, vi; Ioann. XIV, ix; Ioann. XVII, iv). Mas a obediência não parou na vida. Ela se estendeu até a morte (Phil. II, viii; Hebr. V, viii; Matth. XXVI, xxxix, xlii; Luc. XXII, xlii). Na cruz, CRISTO experimentou a ruptura daquela comunhão sustentadora que Ele sempre conhecera. Não como alguém que deixou de existir, pois o Verbo não pode deixar de ser. Mas como alguém que, em Sua humanidade, suportou a ausência da manifestação favorável da presença divina — o abandono judicial que o pecado humano merecia (Matth. XXVII, xlvi; Marc. XV, xxxiv; Psal. XXII, i; Isai. LIII, iv–vi, x–xii; II Cor. V, xxi; Gal. III, xiii; I Pet. II, xxiv; I Pet. III, xviii; Rom. VIII, iii; Hebr. IX, xxvi, xxviii). A existência comunicada de CRISTO na cruz foi sustentada até o fim, e Ele entregou voluntariamente Seu espírito ao PAI, confiante de que a Palavra que O sustentava também O ressuscitaria (Luc. XXIII, xlvi; Ioann. X, xvii–xviii; Ioann. XIX, xxx; Psal. XXXI, v; Act. II, xxiv–xxxii; Psal. XVI, x; Rom. IV, xxv; I Cor. XV, iii–iv; Hebr. XIII, xx).

A RESSURREIÇÃO COMO NOVA CRIAÇÃO INAUGURADA

A ressurreição de CRISTO não é meramente uma prova de Seu poder ou uma garantia de vida após a morte. Dentro dessa cosmovisão, possui um significado cósmico. O corpo ressuscitado de JESUS é a primeira parcela da nova criação, a amostra inicial daquilo que DEUS fará com toda a ordem criada que Ele sustenta (I Cor. XV, xx, xxiii; Col. I, xviii; Apoc. I, v; Act. XXVI, xxiii; Rom. VIII, xxix). A matéria não é descartada como algo

ruim ou inferior. Ela é redimida e transformada (Luc. XXIV, xxxix–xliii; Ioann. XX, xxvii; I Cor. XV, xlii–xliv, liii–liv; Phil. III, xx–xxi; I Ioann. III, ii). O mesmo corpo que foi depositado no túmulo ressurgiu glorificado, livre das limitações e fraquezas que o pecado introduziu na existência comunicada, mas ainda reconhecível e em continuidade com a criação original (Ioann. XX, xix–xx, xxvii; Luc. XXIV, xxx–xxxi, xxxix–xliii; Act. I, iii; I Cor. XV, vi; Matth. XXVIII, ix; Luc. XXIV, xv–xvi). Isto significa que a esperança cristã não é uma fuga do mundo material para um reino puramente espiritual. É a expectativa de que a própria criação, que geme sob o peso da desordem introduzida pelo pecado, será libertada para participar da gloriosa liberdade dos filhos de DEUS (Rom. VIII, xix–xxiii; II Pet. III, xiii; Apoc. XXI, i, v; Isai. LXV, xvii; Isai. LXVI, xxii; Act. III, xxi). A Palavra que sustentou o universo desde o princípio não desistirá de Sua obra. Ela a levará à consumação (Phil. I, vi; I Cor. I, viii; I Thess. V, xxiv; Iud. xxiv; Hebr. XII, ii). A ressurreição de CRISTO é a garantia de que a fidelidade de DEUS à Sua própria Palavra é mais forte do que a morte e mais duradoura do que a corrupção (I Cor. XV, liv–lvii; Rom. VI, ix; II Tim. I, x; Hebr. II, xiv–xv; Apoc. I, xviii; I Cor. XV, xxvi; Isai. XXV, viii; Osee. XIII, xiv).

CRISTO COMO CHAVE DE INTERPRETAÇÃO DE TUDO

Uma consequência prática e imediata desta compreensão é que CRISTO se torna a chave para interpretar corretamente toda a realidade. Creio que todas as coisas foram criadas por Ele, subsistem nEle e para Ele convergem (Ioann. I, iii; Col. I, xvi–xvii; Hebr. I, ii–iii; I Cor. VIII, vi; Eph. I, x; Rom. XI, xxxvi; Apoc. IV, xi). Isto não é uma frase poética. É uma afirmação sobre a estrutura fundamental do mundo. Se toda existência é comunicada e sustentada pela Palavra, e se CRISTO é esta Palavra encarnada (Ioann. I, xiv; I Ioann. I, i–ii; Apoc. XIX, xiii), então nada pode ser corretamente compreendido sem referência a Ele (Col. II, iii; Ioann. XIV, vi; I Cor. I, xxiv; Eph. I, xvii–xxiii; Col. II, ix–x). As Escrituras do Antigo Testamento não são uma coleção de histórias antigas com lições morais ocasionais. São testemunhos que apontam para CRISTO, o cumprimento de todas as promessas e o sentido final de todos os tipos e sombras (Luc. XXIV, xxvii, xliv–xlv; Ioann. V, xxxix, xlvi; Act. X, xliii; Rom. I, ii–iii; I Cor. X, i–iv, xi; Hebr. X, i; I Pet. I, x–xii; Matth. V, xvii; II Cor. I, xx). A história não é

uma sequência aleatória de eventos ou um ciclo repetitivo de ascensão e queda de impérios. É um drama redentivo dirigido pelo próprio CRISTO, que governa todas as coisas pela Palavra do Seu poder e conduz os acontecimentos para o fim que o PAI determinou (Eph. I, xi, xxii; Hebr. I, iii; Apoc. I, viii; Apoc. XXII, xiii; Isai. XLVI, x; Dan. II, xxi; Act. XVII, xxvi; Psal. XXXIII, x–xi). A própria criação visível — as montanhas, os oceanos, as estações do ano e a regularidade que permite a ciência — é um discurso que encontra seu significado pleno naquele que é o Verbo encarnado (Psal. XIX, i–iv; Rom. I, xx; Psal. CIV, xxiv; Prov. VIII, xxii–xxxi; Ioann. I, ix–x; Col. I, xvi–xvii). Isto não autoriza alegorias arbitrárias ou especulações fantasiosas. Significa, antes, que o crente é chamado a ler o mundo, a história e a própria vida à luz de CRISTO, reconhecendo-O como o centro que confere coerência e propósito a tudo o que existe (II Cor. X, v; Col. II, ii–iii; Eph. IV, xv; I Cor. III, xxi–xxiii). Fora desta referência central, o pensamento humano inevitavelmente se perde em fragmentos desconexos, pois tenta interpretar a criação como se ela tivesse subsistência própria, ignorando Aquele que a sustenta e Aquele em quem ela encontra seu sentido último (Rom. I, xxi–xxiii; I Cor. I, xx–xxi; Eph. IV, xvii–xviii; Psal. XIV, i; Prov. I, vii; Col. II, viii; II Cor. IV, iii–iv; II Cor. X, v).

PARTE IV — A IGREJA COMO COMUNIDADE SUSTENTADA

O POVO CHAMADO PELA PALAVRA

A existência comunicada e sustentada pela Palavra de DEUS não se limita ao indivíduo isolado. O propósito divino sempre foi formar um povo (Gen. XII, i–iii; Gen. XVII, vii; Exod. XIX, v–vi; Deut. VII, vi–viii; I Pet. II, ix–x; Apoc. V, ix). Compreendo a Igreja como a comunidade pactual que foi chamada à existência pela mesma Palavra que sustenta o cosmos (Matth. XVI, xviii; Eph. I, xxii–xxiii; Eph. II, xix–xxii; I Cor. III, ix–xi; I Tim. III, xv). Assim como DEUS falou e a luz surgiu das trevas, Ele falou e um povo para Si mesmo foi formado dentre todas as nações (Gen. I, iii; II Cor. IV, vi; I Pet. II, ix; Tit. II, xiv; Act. XV, xiv; Rom. IX, xxiv–xxvi; Osee. II, xxiii). A Igreja não é uma associação voluntária de indivíduos religiosos que decidiram se reunir por afinidade. Ela é uma criação verbal de DEUS, um organismo cuja existência e perseverança dependem inteiramente da fidelidade da Palavra que a convocou (Ioann. XV, xvi; Eph. I, iv–v; II Thess. II, xiii–xiv; Rom. VIII, xxix–xxx; I Cor. I, ix; I Thess. V, xxiv). Os membros da Igreja são aqueles que, tendo ouvido o chamado eficaz do Evangelho, foram regenerados pelo ESPÍRITO e unidos a CRISTO pela fé (Rom. X, xvii; Ioann. III, v–viii; Tit. III, v; I Pet. I, xxiii; Iac. I, xviii; Eph. II, v–vi; I Cor. XII, xiii; Gal. III, xxvi–xxviii). Eles não deixaram de ser criaturas dependentes para se tornarem autônomas. Pelo contrário, sua dependência foi restaurada à sua orientação correta (Ioann. XV, v; Phil. II, xiii; II Cor. III, v; I Cor. XV, x; Rom. XI, xxxvi). O crente agora reconhece que cada ato de adoração, cada oração, cada serviço prestado ao próximo só é possível porque a Palavra sustentadora lhe concede existência, fôlego e capacidade (Act. XVII, xxv, xxviii; Hebr. XIII, xv; Rom. XII, i; I Pet. IV, xi; Phil. IV, xiii; II Cor. IX, viii). A vida comunitária da Igreja é, portanto, um testemunho visível da realidade eu descrevo: criaturas que, sabendo-se totalmente dependentes, respondem a DEUS não mais com rebeldia, mas com gratidão, obediência e amor mútuo (Act. II, xlii–xlvii; Hebr. X, xxiv–xxv; I Ioann. I, vii; Ioann. XIII, xxxiv–xxxv; Rom. XII, iv–v; I Cor. XII, xii–xxvii; Eph. IV, xv–xvi; Col. III, xii–xvii; I Pet. IV, viii–x).

OS MEIOS PELOS QUAIS A PALAVRA SUSTENTA A IGREJA

DEUS não apenas chamou a Igreja à existência, mas também estabeleceu meios específicos pelos quais a sustenta e a faz crescer. Estes meios não são invenções humanas nem técnicas de gestão eclesiástica. São ordenanças instituídas pelo próprio CRISTO, o Cabeça da Igreja, e operam pela virtude da Palavra e do ESPÍRITO (Matth. XXVIII, xviii–xx; Eph. IV, xi–xiii; I Cor. XII, xxviii; Eph. I, xxii–xxiii; Col. I, xviii). A pregação fiel das Escrituras ocupa o lugar central. Quando a Palavra de DEUS é corretamente exposta e aplicada, não se trata de um mero discurso humano sobre temas religiosos. É o próprio DEUS dirigindo-se ao Seu povo, alimentando-o, corrigindo-o e fortalecendo-o pela mesma Palavra que uma vez o chamou das trevas para a luz (II Tim. III, xvi–xvii; II Tim. IV, ii; I Thess. II, xiii; Hebr. IV, xii; Rom. X, xiv–xvii; I Pet. I, xxiii–xxv; Act. XX, xxxii; I Cor. I, xxi). Os sacramentos — o Batismo e a Ceia do SENHOR — funcionam como Palavras visíveis. Eles não possuem eficácia mágica por si mesmos, mas são sinais e selos da aliança da graça (Matth. XXVIII, xix; Matth. XXVI, xxvi–xxviii; Marc. XVI, xvi; I Cor. XI, xxiii–xxvi; Rom. IV, xi; Gen. XVII, vii, x–xi). No Batismo, a Palavra de DEUS é aplicada de forma visível, significando e selando a lavagem da regeneração e a inserção na comunidade pactual (Act. II, xxxviii–xxxix; Act. XXII, xvi; Tit. III, v; Eph. V, xxvi; Rom. VI, iii–iv; Col. II, xi–xii; I Pet. III, xxi; Gal. III, xxvii). Na Ceia do SENHOR, os elementos do pão e do vinho não se transformam em corpo e sangue físico de CRISTO, mas, pela operação do ESPÍRITO, os crentes participam espiritualmente dEle e são alimentados para a vida eterna (I Cor. X, xvi–xvii; I Cor. XI, xxiv–xxv, xxvii–xxix; Ioann. VI, xxxv, liii–lviii, lxiii; I Cor. XII, xiii; Eph. V, xxx). Ambos os sacramentos dependem da Palavra que os instituiu e só são eficazes quando recebidos com fé (Hebr. IV, ii; Marc. XVI, xvi; Rom. I, xvii; Gal. III, xxvi–xxvii). Eles são meios pelos quais a existência comunicada dos crentes é fortalecida na comunhão com CRISTO e uns com os outros (Act. II, xlii; I Cor. X, xvi–xvii; I Ioann. I, iii, vii; Eph. IV, xv–xvi).

DISCIPLINA E ORDEM NA COMUNIDADE SUSTENTADA

A Igreja não é composta por pessoas perfeitas. Enquanto peregrina neste mundo, ela inclui tanto trigo quanto joio, tanto ovelhas saudáveis quanto ovelhas feridas ou rebeldes (Matth. XIII, xxiv–xxx, xxxvi–xliii; Matth. VII,

xxi–xxiii; I Ioann. I, viii, x; Iac. III, ii). Reconheco esta realidade e, por isso, afirma a necessidade da disciplina eclesiástica como parte essencial da vida comunitária. A disciplina não é um instrumento de opressão ou de manutenção de poder clerical. É um ato pastoral que visa a restauração do pecador, a proteção do rebanho e a honra do nome de CRISTO (Matth. XVIII, xv–xvii; I Cor. V, i–v; Gal. VI, i; II Thess. III, xiv–xv; I Tim. V, xx; Tit. III, x–xi; Iac. V, xix–xx). Assim como um pai amoroso corrige o filho que se desvia do caminho, a Igreja, sob a autoridade da Palavra, admoesta, exorta e, quando necessário, aplica censuras proporcionais à gravidade da falta (Prov. III, xi–xii; Hebr. XII, v–xi; Apoc. III, xix; II Tim. IV, ii; I Thess. V, xiv). O objetivo nunca é a destruição, mas o arrependimento e a reconciliação (II Cor. II, vi–viii; II Cor. VII, ix–x; Luc. XVII, iii–iv; Eph. IV, xxxii; Col. III, xiii). A disciplina eclesiástica é uma extensão visível do governo de CRISTO sobre Sua Igreja. Ela lembra a todos os membros que a liberdade cristã não é licença para viver como se a dependência de DEUS pudesse ser ignorada (Gal. V, xiii; I Pet. II, xvi; Rom. VI, i–ii, xv–xvi; I Cor. VIII, ix; Iud. iv). A vida em comunidade é uma escola de submissão mútua e de responsabilidade compartilhada (Eph. V, xxi; Phil. II, iii–iv; I Pet. V, v; Rom. XII, x). Cada crente é chamado a suportar as fraquezas dos outros, a confessar seus próprios pecados e a buscar a santificação em conjunto (Gal. VI, ii; Rom. XV, i; Iac. V, xvi; Hebr. III, xiii; I Thess. V, xi; Col. III, xvi; Hebr. X, xxiv–xxv). Esta dinâmica só é possível porque o mesmo ESPÍRITO que sustenta cada indivíduo também sustenta os vínculos de amor e verdade que unem o corpo de CRISTO (I Cor. XII, vii, xi–xiii; Eph. IV, iii–iv, xv–xvi; Col. III, xiv; I Ioann. IV, xii–xiii; Rom. V, v; Phil. II, i–ii).

O CULTO COMO RESPOSTA ORDENADA À PALAVRA SUSTENTADORA

O ponto culminante da vida da Igreja é o culto público prestado a DEUS. Entendo o culto não como uma performance religiosa destinada a entreter ou a gerar experiências emocionais intensas. O culto é a resposta consciente e ordenada da criatura à Palavra do Criador (Rom. XII, i; Hebr. XII, xxviii; Psal. XXIX, ii; Psal. XCV, vi; Psal. C, ii; Ioann. IV, xxiv). DEUS fala — pela leitura e pregação das Escrituras, pela administração dos sacramentos, pela oração que ecoa as promessas divinas (I Tim. IV, xiii; II

Tim. IV, ii; Act. II, xlii; I Cor. XI, xxiii–xxvi; Matth. XXVIII, xix–xx). E o povo responde — com cânticos de louvor, com confissão de pecados, com ações de graças e com a oferta de suas vidas como sacrifício vivo (Eph. V, xix; Col. III, xvi; Psal. LI, xvii; I Ioann. I, ix; Iac. V, xvi; Psal. L, xiv; Hebr. XIII, xv; Rom. XII, i). A liturgia, ou ordem do culto, não é uma camisa de força que sufoca a espontaneidade. É uma estrutura que educa a alma na dependência correta (I Cor. XIV, xxvi, xl; Col. III, xvi; Eph. V, xix; I Cor. XIV, xxxiii). Cada elemento do culto — o chamado à adoração, a oração de confissão, a declaração de perdão, a leitura da Lei, a pregação, os sacramentos, a bênção final — ensina ao crente algo sobre quem DEUS é e quem ele próprio é (Psal. XCV, i–ii; I Ioann. I, ix; Matth. XVI, xix; Ioann. XX, xxiii; Rom. VII, xii; II Tim. III, xvi; Matth. XXVI, xxvi–xxviii; Num. VI, xxiv–xxvi; II Cor. XIII, xiii). O culto do crente é caracterizado pela reverência, pela centralidade da Palavra e pela consciência de que o ato de adorar é, ele mesmo, sustentado pela graça (Hebr. XII, xxviii–xxix; Ioann. IV, xxiv; I Cor. XIV, xxv; Act. II, xlii; I Tim. IV, xiii; Phil. II, xiii). O crente não vem ao culto para dar algo a DEUS que DEUS não tenha. Ele vem para receber da plenitude de CRISTO e para devolver, em gratidão, o louvor que a Palavra Fundante torna possível (Ioann. I, xvi; Eph. I, iii; Col. II, ix–x; Hebr. XIII, xv; I Pet. II, v; Psal. CXVI, xii–xiv). O culto é, assim, uma antecipação do culto celestial, onde a Igreja triunfante contempla face a face Aquele que sustenta todas as coisas e O adora sem as limitações e distrações do presente século (Apoc. IV, viii–xi; Apoc. V, ix–xiv; Apoc. VII, ix–xii; Apoc. XV, iii–iv; Hebr. XII, xxii–xxiv; Isai. VI, i–iii; I Cor. XIII, xii; Apoc. XXII, iii–iv).

PARTE V — A CONSUMAÇÃO E A VIDA COMO ESPERA ATIVA

O FIM PARA O QUAL TUDO CAMINHA

A história não é um ciclo sem sentido nem uma linha reta que avança para o vazio. Afirmo que a criação inteira, sustentada momento a momento pela Palavra de DEUS, dirige-se para um alvo determinado pelo conselho eterno do Criador (Eph. I, xi; Isai. XLVI, x; Act. XV, xviii; Psal. XXXIII, xi; Prov. XIX, xxi; Isai. XIV, xxiv, xxvii). Este alvo é a consumação de todas as coisas em CRISTO (Eph. I, x; Col. I, xx; I Cor. XV, xxiv–xxviii; Phil. II, x–xi; Apoc. XXI, vi). O mesmo Verbo que chamou o mundo à existência, que se encarnou para redimir a humanidade caída e que governa a história pela Palavra do Seu poder, conduzirá todas as coisas ao seu fim glorioso (Ioann. I, i–iii; Hebr. I, ii–iii; Apoc. XXII, xiii; Isai. LV, xi; Rom. XI, xxxvi). A consumação não será uma aniquilação da ordem criada, como se DEUS desistisse de Sua obra. Será uma recapitulação, uma restauração e glorificação daquilo que sempre foi existência comunicada, mas que agora geme sob o peso da corrupção introduzida pelo pecado (Rom. VIII, xix–xxiii; Act. III, xxi; II Pet. III, xiii; Apoc. XXI, v; Isai. LXV, xvii; Isai. LXVI, xxii). A Escritura descreve este evento como novos céus e nova terra (Isai. LXV, xvii; Isai. LXVI, xxii; II Pet. III, xiii; Apoc. XXI, i). Não se trata de uma realidade completamente diferente e desconectada da presente, mas da renovação e purificação desta mesma criação (Rom. VIII, xxi; I Cor. XV, xlii–xliv, liii–liv; Phil. III, xx–xxi; Apoc. XXI, v). O fogo do juízo queimará toda a impureza, toda a rebelião e toda a desordem (II Pet. III, vii, x–xii; I Cor. III, xiii–xv; Mal. IV, i–iii; Matth. XIII, xli–xlii; Apoc. XX, xiv–xv; Apoc. XXI, viii). O que permanecerá será a criação redimida, libertada da servidão da corrupção, brilhando com a glória de DEUS como sempre deveria ter brilhado (Rom. VIII, xxi; Apoc. XXI, xi, xxiii; Apoc. XXII, v; Isai. LX, xix–xx; II Cor. III, xviii). Neste estado final, a dependência da criatura em relação ao Criador não será abolida — pois isso seria a aniquilação do ser. Ela será, antes, plenamente reconhecida e perfeitamente vivida (Apoc. IV, xi; Act. XVII, xxviii; Col. I, xvii; Hebr. I, iii; Apoc. XXII, iii–iv). A existência comunicada não mais será distorcida pelo pecado (Apoc. XXI, iv, xxvii; Apoc. XXII, iii; Isai. XXXV, x; Isai. LI, xi; I Ioann. III, ii). O reflexo da imagem de DEUS no homem será restaurado à sua pureza original e além (I Cor.

XV, xlix; II Cor. III, xviii; Col. III, x; Eph. IV, xxiv; I Ioann. III, ii; Psal. XVII, xv). E DEUS será tudo em todos (I Cor. XV, xxviii; Apoc. XXI, iii; Apoc. XXII, iii–iv; Isai. LX, xix; Zach. XIV, ix; Eph. IV, vi).

O JUÍZO COMO RESTAURAÇÃO DA ORDEM

A consumação inclui necessariamente o juízo, eu não suavizo esta verdade, mas a compreendo dentro da lógica da ordem sustentada. O mal não é uma substância criada por DEUS. É uma distorção, um parasita ontológico que só existe ao corromper o bem que DEUS sustenta (Gen. I, xxxi; Iac. I, xiii–xvii; I Ioann. I, v; Psal. V, iv; Hab. I, xiii; Isai. XLV, vii em contraste com Iac. I, xiii). No juízo final, esta distorção será definitivamente removida (Matth. XIII, xli–xlii; Matth. XXV, xli, xlvi; II Thess. I, vi–ix; Apoc. XX, x, xiv–xv; Apoc. XXI, viii, xxvii; Apoc. XXII, xv). Aqueles que persistiram na rebelião, que usaram a existência comunicada por DEUS para viver como se fossem autônomos e para rejeitar o senhorio de CRISTO, serão separados da presença favorável do Criador (Ioann. III, xxxvi; Rom. II, v–viii; II Thess. I, viii–ix; Matth. VII, xxiii; Matth. XXV, xli; Luc. XIII, xxvii). O juízo não é uma vingança divina arbitrária. É a aplicação coerente da justiça de DEUS à desordem moral introduzida pela criatura (Gen. XVIII, xxv; Psal. IX, vii–viii; Psal. XCVI, xiii; Psal. XCVIII, ix; Rom. II, ii, v–vi; Apoc. XVI, vii; Apoc. XIX, i–ii, xi; Deut. XXXII, iv). A existência comunicada dos ímpios não será aniquilada, mas experimentará para sempre a ausência da manifestação graciosa de DEUS — o que a Escritura chama de segunda morte (Matth. XXV, xlvi; Marc. IX, xlviii; Apoc. XIV, xi; Apoc. XX, x, xiv–xv; Apoc. XXI, viii; Dan. XII, ii; II Thess. I, ix). Para os redimidos, o juízo será a vindicação final (Apoc. VI, x; Apoc. XIX, i–ii; Luc. XVIII, vii–viii; Rom. XII, xix; II Thess. I, vi–vii, x). Todas as injustiças serão corrigidas (Isai. LXI, viii; Apoc. XXI, iv–v; Psal. XXXVII, vi; Isai. XLII, i–iii; Matth. XII, xx). Todas as lágrimas serão enxugadas (Apoc. VII, xvii; Apoc. XXI, iv; Isai. XXV, viii; Isai. XXXV, x; Isai. LI, xi). A noiva de CRISTO, a Igreja, será apresentada a Ele gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante (Eph. V, xxvii; II Cor. XI, ii; Apoc. XIX, vii–viii; Apoc. XXI, ii, ix–x; Iud. xxiv). A ordem que DEUS estabeleceu desde o princípio e que foi temporariamente perturbada pelo pecado será plenamente restaurada e aperfeiçoada (Act. III, xxi; Rom. VIII, xix–xxi; I Cor. XV, xxiv–xxviii; Apoc. XXII, iii; Gen. I, xxxi; Isai. XI, vi–ix;

Isai. LXV, xxv). A criação inteira, que sempre foi sustentada pela Palavra, encontrará seu descanso final e eterno na harmonia perfeita do governo de CRISTO (Hebr. I, iii; Col. I, xvii; Apoc. XI, xv; I Cor. XV, xxiv–xxv, xxviii; Phil. II, x–xi; Eph. I, x; Hebr. IV, ix–x; Apoc. XIV, xiii).

VIVENDO COMO ESPERADORES DA GLÓRIA

Minha compreensão da consumação não leva à passividade ou ao desinteresse pela vida presente. Pelo contrário, ela fornece a motivação mais profunda para viver com propósito e esperança. O crente é chamado a viver como um Esperador da Glória (Tit. II, xiii; Phil. III, xx; I Cor. I, vii; Rom. VIII, xxiii, xxv; Hebr. IX, xxviii; II Pet. III, xii–xiv). Esta expressão resume a atitude correta diante da realidade: uma espera ativa, fundamentada na certeza da fidelidade de DEUS (Thren. III, xxii–xxiv; Hebr. X, xxiii; I Thess. V, xxiv; II Tim. II, xiii; Psal. XXXIII, iv; Psal. LXXXIX, i–ii). O Esperador da Glória sabe que a história não está fora de controle. As notícias alarmantes, as crises, as perseguições e até mesmo as tragédias pessoais não são eventos aleatórios. São todos elementos do drama redentivo que CRISTO, o Rei entronizado, dirige soberanamente para o cumprimento do decreto do PAI (Eph. I, xi, xxii; Hebr. I, iii; Psal. CIII, xix; Prov. XVI, iv; Isai. XLVI, x; Dan. IV, xxxv; Rom. VIII, xxviii; Apoc. I, v). Esta certeza não anula a dor, mas a coloca em perspectiva (II Cor. IV, xvii–xviii; Rom. V, iii–v; Iac. I, ii–iv; I Pet. I, vi–vii). As aflições do tempo presente não podem ser comparadas com a glória que será revelada (Rom. VIII, xviii; II Cor. IV, xvii; I Pet. IV, xiii; I Pet. V, x; Psal. XXX, v). O Esperador da Glória também sabe que seu trabalho diário, por mais simples que pareça, não é insignificante (I Cor. XV, lviii; Col. III, xxiii–xxiv; Eph. VI, vii–viii; Matth. XXV, xxi, xxiii; I Cor. III, viii, xiv). Cada ato de obediência, cada serviço prestado em amor, cada palavra de verdade dita com mansidão, cada esforço para promover a justiça e a ordem na sociedade são participações subordinadas no avanço do Reino de CRISTO (Matth. V, xvi; I Pet. II, xii; Gal. VI, ix–x; Hebr. VI, x; II Cor. IX, viii; Phil. I, xxvii; Tit. II, xiv). Não são obras que merecem a salvação, pois a salvação é inteiramente pela graça (Eph. II, viii–x; Tit. III, v; Rom. III, xxiv, xxviii; Gal. II, xvi; II Tim. I, ix). Mas são frutos da gratidão, evidências da nova vida, e serão, de alguma forma misteriosa, incorporados à nova

criação (Ioann. XV, v, viii; Iac. II, xvii–xviii; Apoc. XIV, xiii; Matth. V, xii; I Cor. III, xiv; I Cor. XV, lviii). O Esperador da Glória vive o presente com os pés no chão e os olhos no horizonte (Phil. III, xiii–xiv; Hebr. XII, i–ii; II Cor. V, vii; Col. III, i–ii; Matth. VI, xxxiii; I Ioann. III, ii–iii). Ele não se desespera com as derrotas temporárias, pois sabe que a vitória final já está garantida pela ressurreição de CRISTO (I Cor. XV, lvii–lviii; Rom. VIII, xxxvii; II Cor. II, xiv; Apoc. XII, xi; I Ioann. V, iv–v). Ele também não se entrega ao triunfalismo ingênuo, pois sabe que o mal ainda opera e que a Igreja é militante, não triunfante, nesta era (Eph. VI, xii; I Pet. V, viii–ix; Ioann. XVI, xxxiii; Act. XIV, xxii; II Tim. III, xii; I Tim. VI, xii; II Cor. X, iii–iv).

A GLÓRIA DE DEUS COMO FIM SUPREMO

Pela Graça de DEUS conduzo à mesma conclusão que a tradição reformada sempre confessou: o fim principal do homem é glorificar a DEUS e gozá-Lo para sempre (I Cor. X, xxxi; Rom. XI, xxxvi; Psal. LXXIII, xxiv–xxvi; Phil. IV, iv; Apoc. XXI, iii–iv; Psal. XVI, xi). Toda a arquitetura teológica descrita nestas cinco partes — a Palavra Fundante que sustenta a existência comunicada (Hebr. I, iii; Col. I, xvii), o ser humano como imagem dependente (Gen. I, xxvi–xxvii; Act. XVII, xxviii), a queda como desordem na dependência (Rom. V, xii; Gen. III, vi–vii), CRISTO como centro redentor e chave hermenêutica (Col. I, xv–xx; Eph. I, x), a Igreja como comunidade sustentada (Eph. II, xix–xxii; I Pet. II, ix–x), e a consumação como restauração gloriosa (Apoc. XXI, i–v; Rom. VIII, xxi) — converge para este único propósito (Eph. I, xii; Isai. XLIII, vii, xxi; Prov. XVI, iv). A glória de DEUS não é uma realidade abstrata que existe à parte da criação. Ela é manifestada precisamente na dependência radical de todas as coisas em relação a Ele e na fidelidade com que Ele sustenta e redime o que chamou à existência (Psal. XIX, i; Isai. VI, iii; Psal. CIV, xxxi; Rom. I, xx; Psal. CXLV, x–xii; Apoc. IV, xi). Cada ato de obediência do crente, cada oração respondida, cada pecado perdoado, cada lágrima enxugada, cada vitória sobre as trevas proclama algo sobre quem DEUS é (Matth. V, xvi; Ioann. XV, viii; Eph. I, vi, xii, xiv; Phil. I, xi; I Pet. II, xii; II Thess. I, x, xii). E na consumação, quando a criação redimida brilhar na luz da presença imediata do Cordeiro, a glória de DEUS será plenamente manifestada e perfeitamente reconhecida por todos os redimidos (Apoc. XXI, xxiii; Apoc.

XXII, v; Isai. LX, i–iii, xix–xx; Hab. II, xiv; Num. XIV, xxi; Isai. XI, ix; Apoc. XV, iv). Isso não é, portanto, um sistema para ser meramente estudado ou debatido. É uma cosmovisão para ser vivida (Iac. I, xxii; Ioann. XIII, xvii; Luc. XI, xxviii; Phil. IV, ix; I Ioann. II, vi). Esse escrito (cosmovisão) chama o crente a reconhecer, a cada instante, que sua própria existência é um dom sustentado pela Palavra fiel de DEUS (Iob. XII, x; Dan. V, xxiii; Act. XVII, xxv, xxviii; Iac. I, xvii). E o convida a responder a este dom não com a ansiedade de quem precisa garantir seu próprio ser, mas com a confiança tranquila de quem sabe que Aquele que começou a boa obra há de completá-la até o dia de CRISTO JESUS (Phil. I, vi; I Thess. V, xxiv; Iud. xxiv; II Tim. I, xii; Rom. VIII, xxxviii–xxxix; Hebr. XII, ii). Tudo é existência comunicada, efeito presente da vontade de DEUS, obra continuamente mantida pela Palavra. Nada subsiste por si; tudo permanece porque DEUS fala. A glória pertence somente a Ele (Rom. XI, xxxvi; I Cor. VIII, vi; Eph. IV, vi; Apoc. I, viii; I Tim. I, xvii; Iud. xxv; Apoc. V, xiii).

PER IESUM CHRISTUM DOMINUM NOSTRUM

AMÉM

Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade